

A arte de CURTIR ARTE

A consultora Daniela Seve Duvivier faz um balanço dos novos nomes que estão despontando no aquecidíssimo mercado de arte e explica como se começar uma coleção com o pé direito

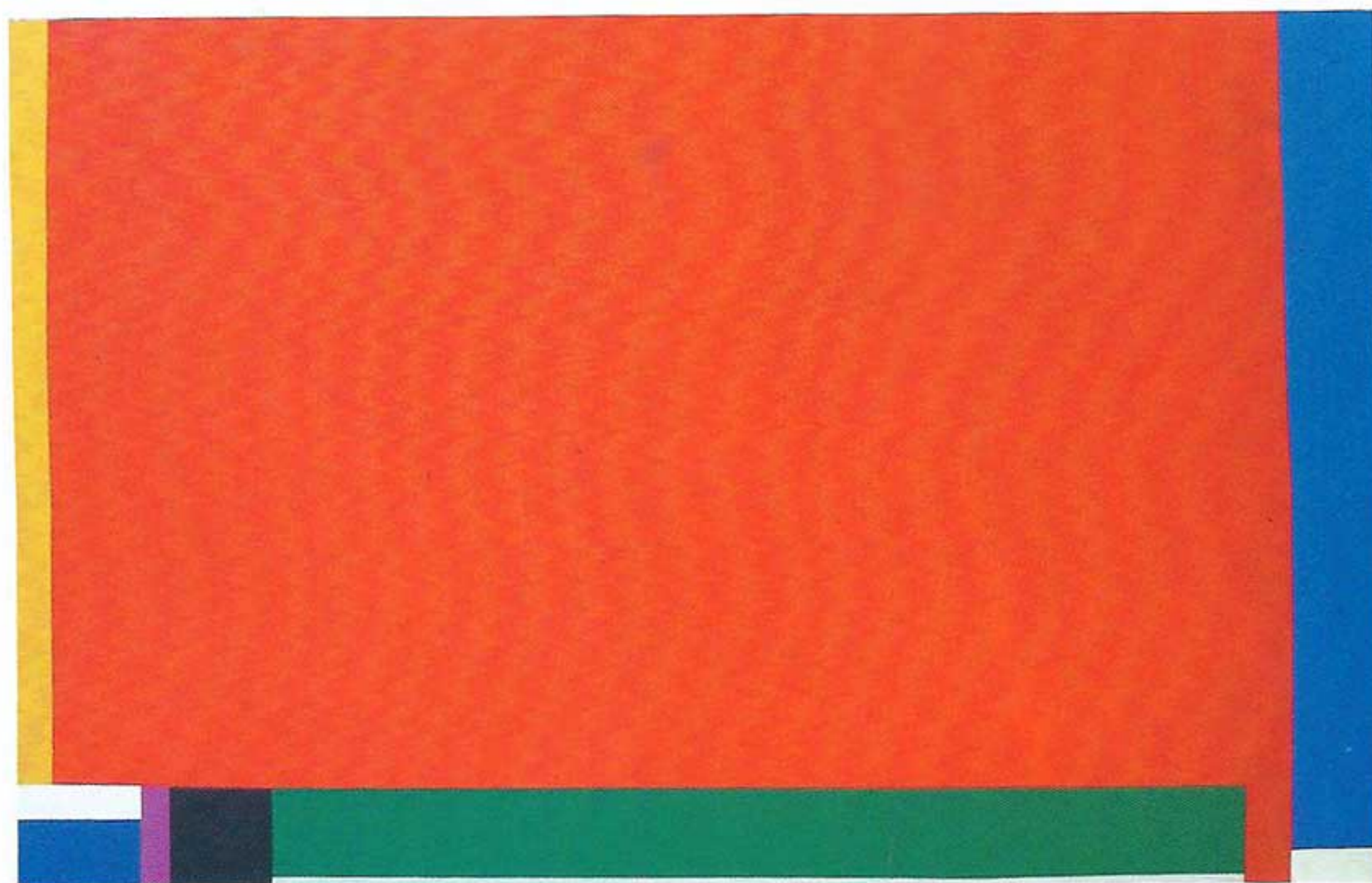
por HAROLDO PEREIRA JR.

E a arte está em alta. Se artistas brasileiros, como Beatriz Milhazes, Vik Muniz e a dupla Osgêmeos fazem sucesso no mundo, a SP Arte, evento que reúne as galerias para comercializar seus acervos, comemora as ótimas vendas. Isso mostra que existe muita gente interessada em comprar quadros e obras de arte. "A economia cresceu, as pessoas estão investindo mais. E a arte está mais acessível também como informação", diz a consultora de arte Daniela Seve Duvivier, uma carioca de 33 anos que cresceu entre telas e vernissages. Seu pai, Luiz Seve, criou há 45 anos, no Rio de Janeiro, a Galeria de Arte Ipanema, uma das mais antigas do País e dona de um acervo de peso, com obras de artistas internacionalmente conhecidos como Di Cavalcanti, Candido Portinari, Volpi, Lygia Clark, Cruz-Díaz, Guignard, Cicero Dias, Frans Krajcberg, entre muitos outros.

Depois de trabalhar em importantes lugares como o Museu de Arte Moderna de Nova York, o MoMA, Daniela hoje é sócia da galeria virtual Masterarte, um site de compra de arte. Ela também presta assessoria personalizada, estudando o melhor investimento de acordo com o budget de cada cliente. "O colecionador é um apaixonado pelas obras e pelo trabalho dos artistas. As paredes de sua casa já não possuem mais espaço para colocar quadros. Já o investidor enxerga tudo com um cifrão. Ele pode ser mais frio, mas acaba valorizando ainda mais cada item que tem." Segundo a consultora, clientes com um perfil mais conservador gostam de investir em arte moderna, um mercado já consolidado e de retorno financeiro seguro. Já os de perfil moderado preferem investir num mix de arte moderna e contemporânea. E os mais arrojados buscam jovens apos-



FOTOS DIVULGAÇÃO



quadro? A cotação vem do interesse das galerias e marchands em expor o trabalho. Com as exposições, as vendas acontecem. A cotação sobe se surgem livros sobre o artista ou ele desperta o interesse da mídia em geral. Segundo os bastidores das galerias, os artistas de hoje passaram a produzir em menor escala, o que tem gerado uma valorização maior. Na recente SP Arte, por exemplo, um único quadro novo da dupla Osgêmeos estava à venda. E foi vendido na noite de abertura por US\$ 50 mil. “Se por um lado o artista que produz muito tem seu trabalho mais evidenciado e disposição maior para venda, quem produz menos fica mais disputado e valorizado. Pode ser estratégia de galerista ou mesmo falta de inspiração do artista para produzir. Porque quando ele não está numa fase boa, melhor não criar nada”, explica Daniela.

tas, artistas que poderão render altos lucros no futuro.

Com R\$ 10 mil é possível comprar um bom quadro de um artista em ascensão, afirma a expert. Nessa faixa, ela indica as telas figurativas pintadas com mel de abelha de Lucas Arruda. Junte à lista da chamada geração tinta fresca nomes como os de Tatiana Blass e Rodrigo Bivar. E ainda Felipe Cohen com seus objetos conceituais. E as fotos de Sara Ramo e Thiago Rocha Pita. Alguns fotógrafos atingiram o status de artistas plásticos e seus trabalhos ganharam espaço nas galerias. Existem fotos que custam até mais que uma tela. É o caso dos trabalhos de Vik Muniz e de Sebastião Salgado.

Bons investimentos

Para quem busca nomes em plena ebulição, Daniela cita o colorista Henrique Oliveira, o curioso Nelson Felix (que desenvolveu quatro esferas gigantes de mármore carrara e as espalhou em lugares bucólicos do planeta para ver o efeito que a natureza causará nelas) e Eduardo Berliner, que consta do acervo da Sathi, galeria londrina considerada a mais importante do mundo. Comprar gravuras de nomes consagrados é também um caminho. Uma de Beatriz Milhazes, por exemplo, pode ser encontrada por R\$ 150 mil – contra a faixa de um R\$ 1 milhão de um original.

Mas, além da influência do mercado e do vaivém de nomes em alta, é preciso entender de arte para comprar um quadro? “Arte não se entende. É comum dizer que uma criança faz o mesmo esboço de uma obra milionária. Mas quando se estuda a obra de um artista e suas técnicas, inicia-se uma relação de identidade com o pintor. Então, começa-se a dar o devido valor, inclusive monetário”, explica.

Adquirir quadros para embelezar a casa é cada vez mais comum. Daniela tem um conselho: “Quem quer ter quadros não pode adotar um estilo de decoração com móveis escuros e muitos objetos. Assim como os colecionadores, é importante pensar em tons claros, um espaço com boa luminosidade e paredes brancas. E não se prender ao radicalismo de combinar as telas com as almofadas. Bons quadros falam por si só”.

Por dentro das galerias

Assim como a turma da moda, da decoração ou até dos negócios, quem vive ou admira a cena das artes plásticas tem seus dialetos e personagens. Para começar, o que hoje determina o valor de um

quadro? A cotação vem do interesse das galerias e marchands em expor o trabalho. Com as exposições, as vendas acontecem. A cotação sobe se surgem livros sobre o artista ou ele desperta o interesse da mídia em geral. Segundo os bastidores das galerias, os artistas de hoje passaram a produzir em menor escala, o que tem gerado uma valorização maior. Na recente SP Arte, por exemplo, um único quadro novo da dupla Osgêmeos estava à venda. E foi vendido na noite de abertura por US\$ 50 mil. “Se por um lado o artista que produz muito tem seu trabalho mais evidenciado e disposição maior para venda, quem produz menos fica mais disputado e valorizado. Pode ser estratégia de galerista ou mesmo falta de inspiração do artista para produzir. Porque quando ele não está numa fase boa, melhor não criar nada”, explica Daniela.

Os artistas hoje em alta cotação são os coloristas (que trabalham com vários matizes de cores em suas obras), os figurativos (conhecidos pela força simbólica das formas e objetos que permeiam suas telas), os expressionistas abstratos (artistas que unem movimentos vanguardistas europeus que desprezam o estilo realista) e a arte conceitual (que se expressa por meio de diversas linguagens e objetos que fogem do habitual). Entre os maiores nomes na atualidade, um inglês e um americano são o must. Ambos possuem ateliês com equipes de até trinta 30 pessoas e suas obras valem fortunas. Caso de Demian Hirst, um multimídia da arte conceitual que embalsama tubarões ou aplica brilhantes em caveira. Já o americano Jeff Koons é o novo Andy Warhol. Belos livros mostram suas coloridas telas que misturam o Incrível Hulk com pinceladas fortes, como manda a pop art.



Na página ao lado, Daniela exibe uma escultura de Jesus Rafael Sotro. Acima, tela do colorista Henrique Oliveira. Nesta página, no alto, trabalho de Eduardo Sued e, acima, de Lucas Arruda